

A república, a placa e a terra

Poucos autores tiveram a capacidade de captar o espírito brasileiro como Machado de Assis, especialmente em momentos conturbados como o golpe republicano. Caso fosse necessário escolher um único diálogo da obra machadiana que sintetizasse as mazelas da política nacional, sem dúvida apontaria para a interação entre Aires e Custódio.

Aires, diplomata aposentado, vive em frente à padaria de Custódio, chamada "Padaria do Império". Na véspera do golpe liderado por Deodoro, Custódio havia mandado pintar uma nova placa para o estabelecimento, mas, diante da proclamação da República, ficou apreensivo. O diálogo que se segue é emblemático:

– Mas o que é que há? – perguntou Aires.

– A República foi proclamada.

– Já há governo?

– Penso que sim; mas diga-me, V. Ex^a: ouviu alguém me acusar de atacar o governo? Ninguém. Entretanto... Uma fatalidade! Venha em meu socorro, Excelentíssimo. Ajude-me a sair deste embarço. A tabuleta está pronta, o nome todo pintado – "Confeitaria do Império". A tinta é viva e bonita. O pintor teima em que eu pague o trabalho para então fazer outro. Se a obra não estivesse acabada, mudava o título, por mais que custasse. Mas devo perder o dinheiro que já gastei? V. Ex^a crê que, se deixar "Império", venham quebrar-me as vidraças?

– Isso, não sei."

Esse breve diálogo sintetiza a relação do povo humilde com a política brasileira: para quem não pertence às oligarquias influentes, a política nacional é apenas um peso, uma formalidade, um fardo inevitável.

O golpe republicano destituiu o imperador, desmantelou o arranjo institucional imperial e empoderou as oligarquias, que instrumentalizaram as instituições públicas e os bens coletivos. Deu-se nele o nascimento do patrimonialismo no Brasil republicano.

Ainda hoje, os efeitos desse golpe ressoam. A política nacional permanece como um fardo sobre nossos ombros: seja no peso de tributos exorbitantes que nos fazem parecer servos, seja na esquizofrenia institucional, em que bens e instituições públicas atendem a interesses de pequenos grupos privados.

- Machado de Assis soube expressar mazelas políticas nacionais
- No Brasil republicano, a política nacional é um fardo para os cidadãos
- Vivemos hoje em um teatro das oligarquias nacionais



Vivemos em um teatro das oligarquias, onde o povo é apenas espectador de um espetáculo político repleto de personagens baixos, vis e imorais. A obra que nos apresentam é grotesca: uma elite incompetente e tirânica que mantém o povo na miséria. Nem mesmo o glamour que usualmente acompanha algumas elites conseguem exhibir, tamanha sua iletrada baixa, desprovida de bom senso e carisma.

E nós, forçados à posição de espectadores – submetidos pela trapaça, vileza e sequestro institucional promovidos por esses atores políticos –, limitamo-nos a preocupações mundanas: contas, placas e vidraças.

A formação da pólis começa com a tomada da terra, a definição dos limites da cidade e a repartição do solo. É desse poder decisório – desse ato essencialmente político – que tentam nos afastar. Manter o povo alheio às decisões e à divisão da terra é o que nos aprisiona às placas e vidraças. É o afastamento da vida política que nos mantém reféns.

Mas, e se nos preocupássemos mais com o processo político? E se decidíssemos retomar nosso lugar, participando da tomada da terra?

E se o povo, finalmente, viesse a ser uma verdadeira grandeza política?

